

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS NEOFANFARRAS CARIOCAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO RIO DE JANEIRO

NEOFANFARRA'S SPATIAL DISTRIBUTION IN RIO DE JANEIRO'S PUBLIC SPACES

 Gabriela Calafate ¹
 Ana Brasil Machado ²

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

As neofanfarras que atuam no Rio de Janeiro sugerem novos modos e ritmos de habitar a cidade, rompendo com o cotidiano programado e com a lógica urbana mercantilizada. Nesse sentido, visam ao exercício do direito à cidade, conforme elaborado por Henri Lefebvre e resgatado por David Harvey, ao passo que propõem o papel ativo dos habitantes na produção e transformação do espaço urbano. O objetivo deste trabalho consiste em identificar a distribuição espacial das apresentações de neofanfarras no Rio de Janeiro, evidenciando os espaços públicos ocupados pelo movimento. A partir de parâmetros temporais e espaciais, evidenciaram-se quatro áreas em que as mesmas se concentram, bem como a sua ocorrência em bairros e Zonas Administrativas. Ademais, observaram-se variações em torno da frequência e da localização dessas apresentações quando comparadas anualmente. Por fim, evidenciou-se que as neofanfarras estão sendo exitosas ao retomarem a ocupação das ruas após a pandemia de covid-19.

Palavras-chave: neofanfarra; geografia da música; Rio de Janeiro.

Abstract

The “neofanfarras” from Rio de Janeiro suggest new ways and rhythms of inhabiting the city, breaking with the programmed daily life and commodified urban logic. They exercise the right to the city, as elaborated by Henri Lefebvre and rescued by David Harvey, while proposing the active role of the population in the production and transformation of urban space. The objective of this work is to identify the spatial distribution of “neofanfarras” presentations in Rio de Janeiro, highlighting the public spaces occupied by the movement. Based on temporal and spatial parameters, four areas of concentration were highlighted, as their occurrence in neighborhoods and Administrative Zones. Furthermore, variations were observed as the frequency and location of these presentations when compared annually. Finally, it shows the success of the movement in occupying the streets after the covid-19 pandemic.

Keywords: neofanfare; geography of music; Rio de Janeiro.

Recebido em: 19/03/2024 | 07/10/2025

Correspondência para: Gabriela Calafate (calafategabi@gmail.com)

UMA CIDADE ENTRE SOPROS E PERCUSSÕES

As neofanfarras cariocas, desde o final da década de 2000, são um dos diversos movimentos culturais e musicais de rua do Rio de Janeiro. Segundo Herschmann e Fernandes (2014) e Belart e Fernandes (2021) sua expansão pela cidade é notória, sobretudo a partir de 2013, em decorrência: (i) da retomada do carnaval de rua; (ii) das manifestações de julho do mesmo ano, nas quais músicos retomaram o desejo de ocupação da rua; e (iii) da arbitrariedade com que as reformas urbanas e políticas de ordenamento foram impostas pelo poder público na década de 2010, diante da recepção de megaeventos. Estes, foram os Jogos Pan Americanos (2007), a Conferência Rio+20 (2012), a Copa das Confederações (2013), a





Jornada Mundial da Juventude (2013), a Copa do Mundo de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos (2016). Em suma, as transformações políticas e econômicas da década de 2010 atualizaram, de forma acelerada, o uso do solo urbano no Rio de Janeiro, influenciando também a atuação de artistas e das leis que vigoram sobre suas atividades.

À primeira vista, as neofanfarras se destacam por reunir público e músicos para festejar na cidade. Ademais, propõem novos modos e tempos de habitar a cidade que rompem com o cotidiano programado, em contraponto à lógica urbana mercantilizada (Herschmann, 2013). Outrossim, almejam o direito à cidade, reivindicando o papel ativo dos habitantes na produção e transformação urbana, a partir da ocupação dos espaços públicos da cidade.

O objetivo deste trabalho consiste em descrever e analisar a distribuição espacial das apresentações de neofanfarras no Rio de Janeiro, a fim de identificar os espaços públicos onde elas promovem novas vivências na cidade. Também busca-se compreender se há, e quais são, os padrões dessa distribuição, bem como a sua ocorrência em bairros e Zonas Administrativas. Ademais, a distribuição temporal dos casos há de ser considerada para evidenciar a influência de determinados eventos - ao passo que muitas neofanfarras também atuam como blocos de carnaval e que existe um festival voltado para as mesmas - e da influência de políticas públicas e reformas urbanas no movimento.

A expansão das neofanfarras é tematizada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, os quais se utilizam de recursos como trabalhos de campo e entrevistas para conhecê-la. Todavia, a Geografia ainda pouco se apropriou do tema. Acreditamos, assim, que a perspectiva geográfica pode enriquecer os estudos com o acréscimo de representações espaciais, ao passo que evidenciam os espaços ocupados sob diferentes escalas e permitem pensar a (re)criação de dinâmicas urbanas.

AS NEOFANFARRAS E O DIREITO À CIDADE

Segundo Herschmann e Fernandes (2014), as neofanfarras cariocas resultam de um formato de música para as massas originado pelas bandas militares francesas do século XIX que, no território brasileiro, foram introduzidas por meio de desfiles cívicos e celebrações especiais. Entretanto, contrapondo-se a este tradicionalismo, na primeira década do século XXI, grupos de neofanfarras foram criados. Sua origem está na retomada do Carnaval de rua do Rio de Janeiro, que encontrava-se, majoritariamente, circunscrito ao desfile das escolas de samba no Sambódromo e aos bailes de clube (Herschmann, 2013). Nesse contexto, músicos de diferentes movimentos de rua da cidade se mobilizaram para recuperá-lo, realizando ensaios e festas noturnas em espaços públicos. Formaram-se grupos musicais que afastaram-se das tradições carnavalescas de sambas e marchinhas: as neofanfarras. Para Herschmann (2014), o prefixo “neo” carrega um caráter ativista que incumbe aos participantes um posicionamento político e a valorização da ocupação do espaço público e não apenas o caráter de novidade.

Uma das dinâmicas de destaque do movimento é o seu “comportamento nômade”: os grupos podem transitar por diferentes espaços em cortejos - prática viabilizada pelo uso de



instrumentos de sopro e percussão - ou permanecer em um mesmo local durante toda a apresentação. Os participantes se mantêm próximos para ouvir o som produzido, uma vez que não há palco ou amplificadores (Moreaux, 2019). Ademais, o repertório é eclético, reunindo . Segundo Moreaux (2019), a intensidade dessas apresentações decorre de uma das suas principais dimensões, a performance, composta pela soma de signos visuais, elementos acústicos, e/ou textuais. A partir desses recursos, ela mistura o ato de tocar com outras linguagens artísticas - como o universo circense - que promovem a sua espetacularização. Os corpos operam em danças, coreografias e brincadeiras, apresentando novas maneiras de se comportar na cidade.

Já a escolha pelos espaços ocupados advém da visibilidade que podem conferir às apresentações. No caso do Rio de Janeiro, elas são predominantes na Zona Central da cidade, pois suas grandes construções e a intensa circulação de pessoas permitem que funcionem como uma “grande vitrine” para que os habitantes em trânsito observem ou participem (Herschmann; Fernandes, 2010).

Acerca dos objetivos do movimento, destaca-se a proposta de novos modos e tempos de habitar a cidade que se contrapõem à lógica mercantilizada vigente no espaço urbano (Belart; Fernandes, 2021). Também visam à reunião de habitantes para o compartilhamento de ideias e desejos em relação à cidade, sugerindo um papel ativo na sua produção e transformação, além de uma organização coletiva e horizontal desses processos (Moreaux, 2019). Desse modo, se articulam à noção de direito à cidade.

Este trabalho utiliza a proposta de direito à cidade formulada por Lefebvre e atualizada por David Harvey. De acordo com Lefebvre, as cidades do mundo moderno não contemplam o habitar, mas sim o habitat. O primeiro diz respeito a uma prática que abrange o sentido criativo do ato de apropriação e do modo pelo qual o ser humano se apropria do espaço para realizar sua vida. Já o segundo corresponde à homogeneidade do espaço em decorrência das vontades e estratégias unitárias e verticais. Segundo o autor, é o habitat - desprovido de arte e sentido do uso - que impõe a normatização da vida cotidiana. Assim, contra o habitat, Lefebvre propõe o habitar e sugere a busca pela vida urbana no sentido do uso através do conceito de direito à cidade. Este contempla o “direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade)” (Lefebvre, 2008, p.134). Portanto, a cidade constrói-se por atores sociais que dela se apropriam na vida cotidiana. O direito à cidade também rompe com a separação cotidiano-lazer, uma vez que sugere a justaposição destes espaços.

Trazendo essa noção para a conjuntura do século XXI, Harvey aponta que o ressurgimento da ideia do direito à cidade se deve aos movimentos sociais urbanos no plano da vida cotidiana. Na perspectiva do autor, o direito à cidade é

muíto mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos (Harvey, 2014, p.28) .

Logo, ele “deve ser entendido não como um direito ao que já existe, mas como um direito de reconstruir e recriar a cidade” (Harvey, 2014, p.247). Nas cidades mercantilizadas,



esse direito “vem caindo nas mãos de interesses privados ou quase privados”, com “condições de moldar a cidade cada vez mais segundo suas necessidades particulares e seus mais profundos desejos” (Harvey, 2014, p.62-63).

O MOVIMENTO NO RIO DE JANEIRO

Em relação ao Rio de Janeiro, o resgate desse conceito é necessário visto a ocorrência de megaeventos durante a década de 2010 como uma estratégia de atração de capital financeiro e potencialização do empreendedorismo urbano, sobretudo durante a gestão do Eduardo Paes (2012-2016) (Aminco, 2021). Especialmente na área central, foram realizadas reformas urbanas e adotadas políticas de ordenamento exercidas pela Prefeitura sob os movimentos culturais de rua.

A Lei do Artista de Rua, de 2013, validou o “direito à atividade artística no espaço público sem autorização prévia, mediante responsabilidades como livre circulação, gratuidade das apresentações e limite de horário e plateia” - todavia, não é conhecida por muitos agentes de segurança (Barroso; Fernandes, 2018). Já o Rio Mais Fácil, de 2015, permitiu que, através da internet, fossem solicitadas autorizações para a realização de eventos. Porém, em 2017, a lei foi atualizada - Rio Ainda Mais Fácil - e impôs novas dificuldades aos artistas, sobretudo aqueles que se organizam de modo colaborativo, sem fins lucrativos, e não conseguem custear os processos.

Conforme Barroso e Fernandes (2013) sistematizaram, essa regulação das atividades de rua decorre de três processos: a intensificação do interesse privado no âmbito cultural frente a uma crise econômica nacional; a crise de segurança e o consequente esvaziamento dos espaços públicos sustentado pela narrativa do medo; e os julgamentos moralizantes das atividades artísticas. Esse contexto atribuiu instabilidade e precarização aos movimentos culturais de rua, que passaram a se desenvolver nas brechas da cidade - como as esquinas entre bares e praças sem movimento noturno (Barroso; Belart; Fernandes, 2020, p.7). Desse modo, os

processos de repressão são acompanhados pela ativação de práticas de contramão que indicam diferentes níveis e escalas de práticas subversivas e politicamente implicadas (Barroso; Fernandes, 2013, p.113).

Essas atividades caracterizam “contra-usos da cidade” (Barroso; Fernandes, 2013, p.101), visto que se opõem à sua vivência normatizada. As práticas coletivas, como os cortejos, dificultam o controle das atividades no espaço público e se intensificaram, a partir de 2018, “como reflexo do estrangulamento da repressão aos eventos culturais de rua” (Barroso; Belart; Fernandes, 2020, p.12).

Com a pandemia de covid-19 no Rio de Janeiro, o Carnaval de 2021 e 2022 foram oficialmente cancelados pela Prefeitura, seguindo recomendações de especialistas e autoridades sanitárias. Todavia, em 2022, a Prefeitura permitiu que os blocos se apresentassem em locais privados - alegando que, nestes, poderia haver maior controle sanitário. De 28 de fevereiro a 2 de março de 2022, quando o Carnaval ocorreria inicialmente,



os blocos participaram de diversas festas privadas. Porém, muitos também ocuparam as ruas, tendo em vista a queda de casos de covid-19 e a proximidade dos locais das festas com aqueles onde, tradicionalmente, aconteciam cortejos (Escudine; Jesus; Santos; Frydberg, 2022, p.9).

Para viabilizar os cortejos e proteger seus participantes, não foram utilizados nomes de blocos oficiais já conhecidos - os desfiles foram anônimos ou com nomes criados no momento - e os locais e horários foram divulgados presencialmente ou em grupos fechados do *Whatsapp* (Escudine; Jesus; Santos; Frydberg, 2022, p.9).

UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DAS NEOFANFARRAS CARIOCAS

As neofanfarras selecionadas para a investigação consistem nas participantes da edição de 2022 do festival *Honk RiO!* que residem no Rio de Janeiro. O *Honk* é um festival ativista de fanfarras, de caráter voluntário e sem fins lucrativos, que surgiu nos Estados Unidos, em 2006. O *Honk* foi realizado no Rio de Janeiro, pela primeira vez, em 2015, a partir da iniciativa de músicos cariocas que participaram da edição de 2013 em Somerville. O festival ocorre, anualmente, durante alguns dias do mês de novembro, quando são marcadas rodas de conversas e apresentações de neofanfarras. A sua importância para a cidade advém da potencialização que traz à ocupação do espaço público pelo movimento, pois promove o encontro entre grupos de diferentes localidades para a formação de uma rede na qual, coletivamente, inventam-se novas formas de ação, trocas afetivas e apresentações (Moreaux, 2019).

A seleção de grupos que participaram desse festival se deu por diversos fatores: (i) o *Honk* é o principal evento de neofanfarras da cidade, reunindo um amplo conjunto de grupos; (ii) estes se reconhecem como neofanfarras; (iii) estão ativos, pois foi considerada a edição mais recente do festival, e; (iv) em sua maioria, atuam na área investigada. A coleta de dados foi realizada pelas redes sociais, pois são o principal meio de divulgação das apresentações. Os perfis de *Instagram* e *Facebook* dos grupos foram acessados e buscou-se por publicações - incluindo o conteúdo de suas imagens, descrições e comentários - que contivessem informações acerca das apresentações. Outras redes não foram utilizadas, uma vez que não foram encontrados perfis pertencentes aos grupos. Destaca-se que a publicação mais antiga data de 2013, estabelecendo o início do recorte temporal da pesquisa. Já o seu término corresponde ao mês de março de 2023, quando essa etapa foi finalizada.

Em seguida, os dados foram tabulados e utilizados para a produção cartográfica. As apresentações foram categorizadas anualmente de acordo com a data em que ocorreram: durante o período do Carnaval, durante o *Honk RiO!* e nas demais datas do ano. Em relação ao Carnaval, foram consideradas as apresentações desde o primeiro dia do ano até o domingo seguinte à quarta-feira de cinzas, pois a Prefeitura inclui, oficialmente, essas semanas na caracterização do Carnaval como atividade de veraneio (Herschmann, 2013). Sendo assim, a atuação das neofanfarras é maior, já que muitas também operam como blocos carnavalescos. Já as apresentações ocorridas durante o *Honk* foram categorizadas separadamente porque os



espaços em que ocorrem partem de um consenso prévio e conjunto dos envolvidos em sua organização e, portanto, não advém da escolha individual dos grupos investigados.

As apresentações foram georreferenciadas de acordo com os seus locais de início, conforme divulgado nas publicações analisadas. Em alguns casos, elas se dão inteiramente no mesmo local, sem deslocamentos; em outros, os participantes se locomovem em cortejos. Como esses trajetos, muitas vezes, não são divulgados nas redes, consideraram-se apenas as coordenadas de partida.

Foram elaborados onze mapas anuais, cujos pontos são proporcionais à concentração de eventos e suas cores referem-se ao período em que ocorreram. Os pontos apresentam quatro classes e tamanhos: 1 a 2 ocorrências; 3 a 4 ocorrências; 5 a 6 ocorrências; e 7 ocorrências. Suas cores, roxo, laranja e branco, também correspondem ao período em que ocorreram: Carnaval, *Honk RiO!* e demais datas do ano, respectivamente. Nos casos de apresentações anuais no mesmo local, mas em períodos distintos, os pontos foram marcados com uma interseção.

Imagens de satélites referentes à cada Zona Administrativa foram incorporadas para que a visualização da ocupação pela cidade e a leitura cartográfica sejam facilitadas - quando ausentes as apresentações em uma zona, seu recorte não foi realizado. Também evidenciou-se o nome dos locais marcados, de modo que nos pontos com interseção, o mesmo foi destacado apenas uma vez.

CARTOGRAFIAS MUSICAIS DO MOVIMENTO

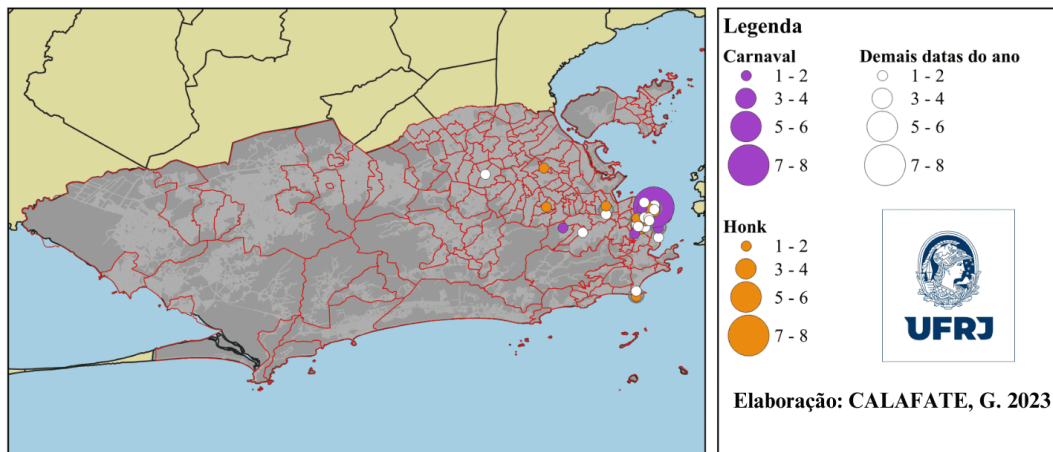
Entre janeiro de 2013 e março de 2023, foram registradas 446 apresentações dos grupos selecionados nos espaços públicos do Rio de Janeiro. No primeiro ano, os eventos ocorreram nas zonas Central e Sul. Destes, aproximadamente metade se deu durante o Carnaval. Já em 2014, predominaram as apresentações fora do Carnaval e houve o primeiro registro na Zona Norte, enquanto os demais eventos seguiram nas mesmas zonas.

Em 2015 (Figura 1), houve a primeira edição do *Honk RiO!*, que promoveu mais apresentações nas zonas Norte e Central, tanto em espaços já mapeados, quanto em outros inéditos. Na Zona Central, os bairros Centro e Santa Teresa foram ocupados em todos os períodos. Já na Zona Sul, a ocupação em praias aumentou e, no Aterro do Flamengo, foram apontadas as primeiras ocorrências fora do Carnaval. Sobre a Zona Norte, as ocorrências se dividiram, quase totalmente, entre o *Honk RiO!* e as demais datas.

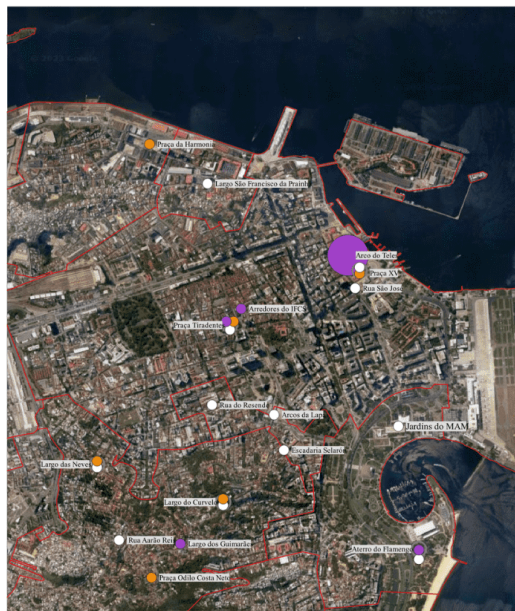


Figura 1 - Distribuição espacial de neofanfarras na cidade do Rio de Janeiro (2015)

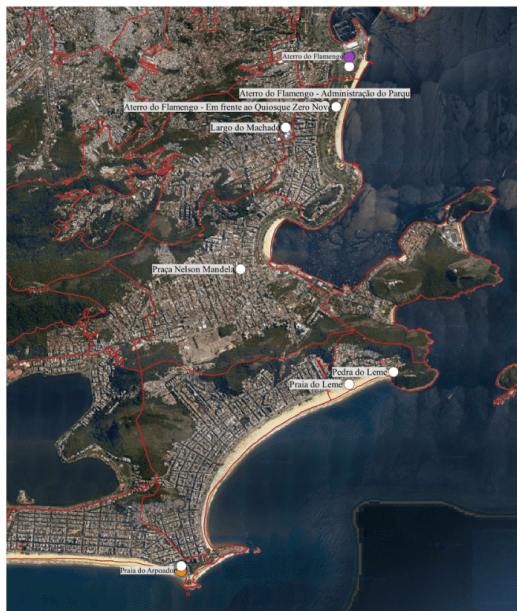
Ocorrências de neofanfarras nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro - 2015



Município do Rio de Janeiro



Zona Central



Zona Sul



Zona Norte

Fonte: Elaboração Própria (2023).



A partir do mapeamento anterior, alguns pontos do Aterro do Flamengo começaram a ser nomeados com pontos de referência, conforme especificado em algumas publicações analisadas. Em 2016, o destaque é a ocupação de áreas (re)inauguradas na Orla da Guanabara Prefeito Luiz Paulo Conde - um passeio que liga o Armazém 8 do Cais do Porto à Praça da Misericórdia - e planejadas no âmbito da reforma da Região Portuária.

Em 2017, foi encontrado o primeiro registro referente à Zona Oeste, em Bangu. Já na Zona Sul, pela primeira vez, predominaram os eventos durante o Carnaval, indicando o início de uma concentração dos grupos no Aterro do Flamengo durante a festa. Outrossim, os registros de 2018 se mantiveram semelhantes ao ano anterior.

Em 2019 (Figura 2), há um dos crescimentos mais expressivos do movimento, observado em todos os três períodos e em quase todas as Zonas Administrativas - com exceção da Zona Norte. Sobretudo na Zona Central, observa-se um maior número de espaços ocupados, visto que muitos são mapeados pela primeira vez. Na Zona Sul, as apresentações predominaram no Aterro do Flamengo, em suas adjacências e em praias. Na Zona Oeste, foi registrado o maior número de ocorrências (três) - durante o *Honk RiO!* e o Carnaval, demonstrando a importância desses para a atuação das neofanfarras na zona.

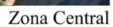
Em 2020, iniciou-se uma série de anos atípicos para as análises. A contaminação da população pelo vírus da covid-19 cresceu em março, quando foram decretadas medidas preventivas que incluíam o distanciamento social e a permanência da população em suas residências, como citado. Desse modo, só ocorreram apresentações durante o Carnaval, já que este antecedeu a pandemia. O número de registros desse período é quase o mesmo do ano anterior; todavia, localizam-se apenas nas zonas Central e Sul, enquanto em anos pretéritos, havia registros nas demais zonas.

Sendo 2021 o ano em que ainda recomendava-se o distanciamento social e as primeiras vacinas de covid-19 eram aplicadas, são quase nulos os registros de apresentações de neofanfarras. Os únicos três pontos mapeados, nas zonas Central e Sul, referem-se ao período de “demais datas do ano” devido à ausência do Carnaval e do *Honk RiO!*.

Em 2022 (Figura 3), não há casos classificados durante o Carnaval, visto que ele não ocorreu oficialmente. As atuações na festa “não-oficial” não foram publicadas nas redes sociais e, portanto, ausentam-se do mapeamento. Ademais, foi contabilizado o maior número de casos *Honk RiO!*, apontando o seu retorno e capacidade de organização do festival após a pandemia.

Sendo os registros de 2023 limitados ao Carnaval, observa-se a retomada da festa nas ruas (Figura 4). Este é o ano com mais ocorrências durante este período, sobretudo na Zona Central, com a ampliação dos espaços ocupados e predomínio daqueles já mapeados.

Ocorrências de neofanfarras nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro - 2019



661



Figura 3 - Distribuição espacial de neofanfarras na cidade do Rio de Janeiro (2022)

Ocorrências de neofanfarras nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro - 2022

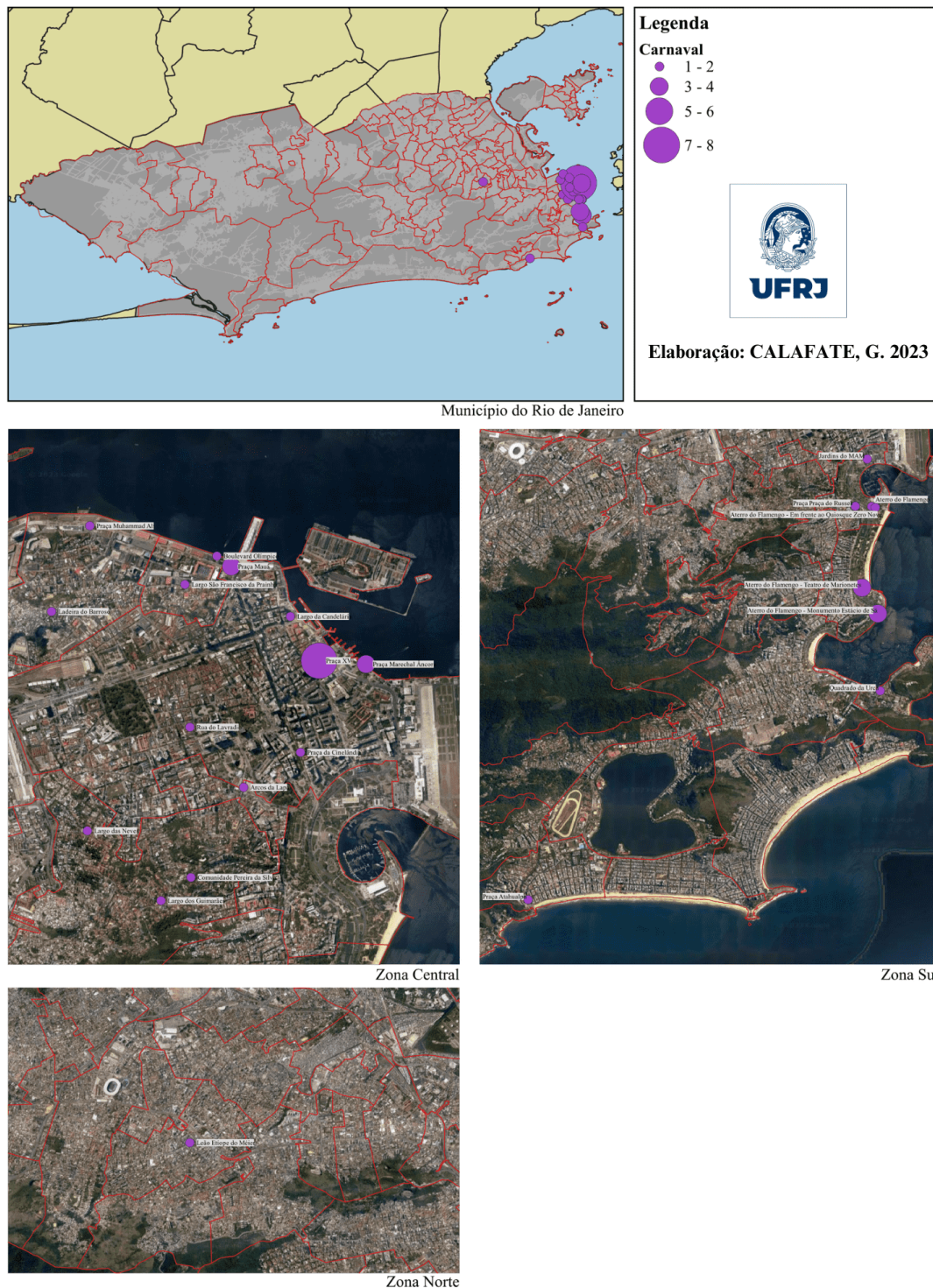


Fonte: Elaboração Própria (2023).



Figura 4 - Distribuição espacial de neofanfarras na cidade do Rio de Janeiro (2023)

Ocorrências de neofanfarras nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro - 2023



Fonte: Elaboração Própria (2023).



A pesquisa identificou quatro áreas em que o movimento se fez mais presente ao longo do período analisado: a Região Portuária, o Aterro do Flamengo, o bairro de Santa Teresa e a área entre a Praça Tiradentes e a Praça da Cinelândia. Estas, serão analisadas a seguir.

O recorte espacial da Região Portuária, situada na Zona Central da cidade, acompanha a extensão da Orla da Guanabara Prefeito Luiz Paulo Conde. A maioria dos pontos referem-se ao período das “demais datas do ano”, mas também há uma parcela relevante durante o Carnaval, enquanto o *Honk RiO!* consta apenas uma vez. Quatro pontos da região se destacam: a Praça XV, a Praça Mauá, o Boulevard Olímpico e a Praça Marechal Âncora. A Praça XV é o segundo espaço público mais ocupado em toda a cidade, presente em praticamente todos os anos mapeados. A partir de 2017, os eventos registrados nesse espaço referem-se somente aos meses de Carnaval e concentram apresentações em todos os anos. Constata-se, assim, a consolidação da Praça XV como um dos principais espaços públicos ocupados por neofanfarras durante os meses de Carnaval.

Já a ocupação da Praça Mauá, do Boulevard Olímpico e da Praça Marechal Âncora resultam da mesma conjuntura de obras da Orla em questão, (re)inauguradas ao longo de 2016. A Praça Mauá, desde a sua primeira aparição, consta em quase todos os anos seguintes e os registros do local indicam que sua ocupação costuma ocorrer durante o Carnaval e o período de “demais datas do ano”. Ademais, desde 2019, as ocorrências na Praça sempre apresentam-a como um ponto de concentração. No Boulevard Olímpico, a maioria dos casos datam das “demais datas do ano”, seguidos do *Honk RiO!*. Já os registros na Praça Marechal Âncora referem-se apenas ao Carnaval - portanto, este é um espaço importante para o movimento durante a festa.

Em suma, o aumento de locais ocupados e de apresentações indicam a grande expansão do movimento na Região Portuária. Alguns pontos, sobretudo a Praça XV e a Praça Mauá, estão se consolidando como alguns dos principais espaços públicos ocupados pelas neofanfarras, visto que concentram um número maior de ocorrências anuais. Em menor peso, o Boulevard Olímpico e a Praça Marechal Âncora seguem o mesmo processo. Ademais, alguns desses espaços tendem a ser ocupados em períodos específicos - como é o caso da Praça XV e da Praça Marechal Âncora durante o Carnaval. Por fim, destaca-se que muitos outros espaços da região não se repetem com tanta frequência - como o Largo São Francisco da Prainha e o Largo da Carioca - mas constituem um conjunto expressivo na expansão e consolidação da região.

Os resultados também indicam que a ocupação da região aumentou conforme as reformas urbanas locais foram finalizadas. Sendo assim, a ocupação responde aos projetos urbanos baseados no capital financeiro implementados pelas reformas citadas, tendo em vista a ocupação de áreas construídas pelos mesmos, sobretudo na Orla Conde, e a concomitância entre as suas inaugurações e o aumento das apresentações.

Tratando da área entre a Praça Tiradentes e a Praça da Cinelândia, sua consolidação é visível desde 2015 e intensificada, em 2017, com a evidência de concentrações na Rua do Lavradio e nos Arcos da Lapa. Em 2019, o aumento de pontos mapeados na área decorre, em



parte, das apresentações do *Honk RiO!* - mais que o dobro, quando comparado com o ano anterior. Após a pandemia, as atividades retornaram aos espaços ocupados previamente - a única exceção é a Rua Morais e Vale. De modo geral, os espaços públicos dessa área são ocupados durante os três períodos categorizados. Alguns sobressaem e, por isso, também serão analisados mais detidamente: a Praça Tiradentes, a Praça da Cinelândia, os Arcos da Lapa e a Rua do Lavradio.

As apresentações na Praça da Cinelândia foram registradas pela primeira vez em 2016 e, desde então, mapeadas em quase todos os anos. A partir desse ano, a Praça também esteve incluída em todas as edições do *Honk RiO!*, sendo este o principal responsável pela ação das neofanfarras no local. Já a Rua do Lavradio também é um ponto que aparece em quase todos os mapeamentos. Grande parte das ocupações se referem ao período das “demais datas do ano”, consequência da presença de uma feira aos sábados - a Feira do Rio Antigo - na referida rua. Nesse sentido, tanto a Feira quanto as apresentações atraem públicos para o local e aumentam a visibilidade de ambas. Acerca dos Arcos da Lapa, sua presença na maioria dos mapeamentos, refere-se, principalmente ao período das “demais datas do ano” e do Carnaval.

Já a Praça Tiradentes é discutida em diversos trabalhos acerca dos eventos de rua. Segundo Barroso, Belart e Fernandes (2013), ela constitui “uma cena festiva e musical” onde os habitantes da cidade promovem experiências musicais. Na década de 1990, a instauração de um circuito de samba e choro, bem como o sucesso das casas de shows da Lapa, tornaram-a atrativa para a abertura de estabelecimentos privados, que constituíram um embate com os movimentos de rua. Ainda assim, estes se intensificaram na segunda metade da década de 2010 e estabeleceram colaborações com agentes locais que possibilitaram o seu fortalecimento.

Os resultados evidenciam, na área entre a Praça Tiradentes e a Praça da Cinelândia, pontos em que há colaboração entre atores dos espaços público e privado e entre trabalhadores formais e informais, sobretudo vendedores ambulantes (Barroso; Belart; Fernandes, 2020). Revelam, assim, um modo de relacionamento benéfico para as neofanfarras e para os demais trabalhadores. Outrossim, determinados espaços mapeados são conectados a outras manifestações musicais (Belart; Fernandes, 2021), por exemplo: na Praça Tiradentes, rodas de samba; no Beco das Artes, apresentações diversas; nos Arcos da Lapa, duas casas de show, a Fundação Progresso e o Circo Voador; dentre outras. Destarte, é uma área de cooperação exitosa entre atores da cena musical de rua.

A terceira área de concentração do movimento corresponde ao bairro de Santa Teresa, situado na zona central da cidade, sobretudo no trecho entre o Largo do Curvelo, o Largo dos Guimarães e o Largo das Neves. O primeiro, desde 2017, é ocupado somente no Carnaval, ao passo que o Largo dos Guimarães também é ocupado predominantemente durante essa festa e, o Largo das Neves, durante o *Honk RiO!*.

A espacialidade das neofanfarras no bairro de Santa Teresa, portanto, é fortemente influenciada pelo Carnaval de rua do bairro, visto que lá se originaram grandes blocos que desfilam até os dias atuais (Herschmann; Fernandes, 2011). É nesse sentido que o Largo do Curvelo e o Largo dos Guimarães são ocupados sobretudo durante a festa. O destaque do



bairro no cenário de neofanfarras também é proveniente do *Honk RiO!*, que anualmente direcionou apresentações para, em média, dois pontos. Assim sendo, os padrões evidenciam a parceria entre as neofanfarras e os blocos de carnaval de rua - inclusive os não-oficiais (Belart; Fernandes, 2021) - e o festival.

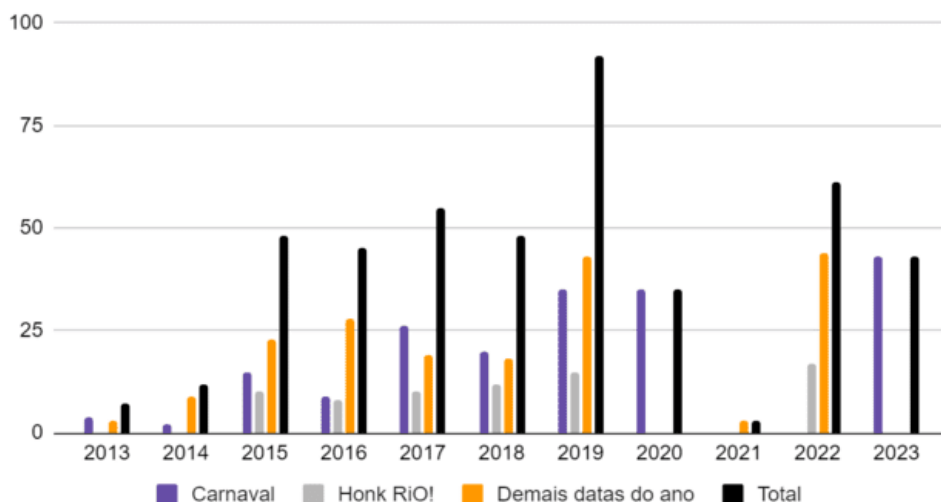
Por fim, a principal área ocupada pelas neofanfarras, o Aterro do Flamengo, aparece em todos os mapeamentos e abrange diferentes pontos de encontro. Observa-se a ampliação destes, entre 2013 e 2018, e a consolidação de alguns a partir de 2019 - como os Jardins do Museu de Arte Moderna. Ademais, são poucas as apresentações que se dão durante o *Honk RiO!*, sendo mais numerosas aquelas que ocorrem durante o Carnaval e nas demais datas do ano.

A área do Aterro do Flamengo permite diversos modos de socialização, uma vez que é composta por quadras de futebol, bares, e áreas arborizadas para o lazer dos pedestres, dentre outros. Logo, é um espaço propício para a atuação do movimento, já que permite a acomodação dos participantes e confere grande visibilidade aos grupos devido ao contingente prévio de frequentadores do local. A distância entre o Aterro e as residências do bairro, separados por quatro pistas de trânsito de veículos, também facilita a dispersão dos sons de instrumentos, gerando poucos conflitos de vizinhança.

Em relação à distribuição do movimento nas Zonas Administrativas, enquanto na Zona Central e na Zona Sul existe a consolidação de alguns espaços públicos e áreas ocupadas pelo movimento, nas zonas Norte e Oeste o mesmo não ocorre. A ocupação dos mesmos espaços ao longo dos anos, portanto, pode ser um importante fator para a expansão das neofanfarras em uma área. É possível pensar, por exemplo, que esse cenário permite o estabelecimento e o fortalecimento dos vínculos entre os grupos e trabalhadores - formais e informais - e moradores do local. Por fim, percebe-se que o crescimento do movimento partiu do Centro da cidade. As principais expansões ocorreram dentro da Zona Central e na direção da Zona Sul. A expansão da Zona Central para a Zona Norte e, principalmente, para a Zona Oeste, são menos expressivas.

Há dois momentos em que o crescimento do movimento é de maior destaque: em 2015 e em 2019 (Gráfico 1). Já as quedas de ocorrências correspondem aos anos de 2020 e 2021, referentes à pandemia de covid-19.

O pico de 2015 pode ser atribuído a fatores apreendidos na revisão bibliográfica (Belart; Fernandes, 2021): (i) organização dos músicos que haviam se encontrado nas manifestações de 2013; (ii) intersecção entre dois megaeventos, a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016), fomentando o debate acerca das reformas urbanas; (iii) inauguração do primeiro festival de fanfarras na cidade; e (iv) a implementação do Rio Mais Fácil, em conjunto com a Lei do Artista de rua, aprovada em 2013.

**Gráfico 1** - Ocupação anual de espaços públicos do Rio de Janeiro por neofanfarras

Fonte: Elaboração Própria (2023).

Sobre o pico de 2019, o que supõe-se é o êxito de estratégias adotadas nos anos anteriores: a ocupação de novos espaços e repetição daqueles onde as apresentações foram bem sucedidas, além da parceria dos grupos com blocos de carnaval, vendedores ambulantes, produtores culturais e estabelecimentos privados. Sobretudo entre 2017 e 2019, ações do poder público - como o Rio Ainda Mais Fácil e a transferência da fiscalização da Região Portuária para a Guarda Municipal e a Polícia Militar - e o aumento do embate entre os artistas de rua e o empresariado, por um lado, constituíram entraves para as apresentações. Todavia, por outro, culminaram na maior organização e fortalecimento dos grupos, a fim de enfrentá-las.

Este cenário remete às noções de habitar e habitat (Lefebvre, 2008). Por um lado, as reformas urbanas e as políticas de ordenamento conduzem à normatização do cotidiano e à produção espacial excludente e mercantilizada, aproximando a cidade do habitat. Por outro, as neofanfarras transformam a cidade no plano do habitar, ao passo que a ocupação dos espaços públicos pelos grupos estabelecem novos ritmos e modos de se relacionar com a cidade - os “contra-usos” (Barroso; Fernandes, 2013), como festejos, danças, cantos, sociabilidade e reivindicações políticas. Pratica-se, assim, a apropriação e produção ativa da cidade a partir dessa forma criativa e artística.

À vivência do habitar, soma-se a reivindicação e o exercício do direito à cidade. Esse direito também se manifesta reunindo espaços de trabalho produtivo e de lazer: muitos dos espaços ocupados se localizam em áreas onde predominam estabelecimentos e atividades de trabalho produtivo - sobretudo na Zona Central, como a Praça XV. Sendo assim, como indicado por Harvey (2012), os movimentos urbanos são indispensáveis para a renovação da cidade. As neofanfarras, ao utilizarem a arte como ferramenta de luta, apresentam novas



possibilidades de vivências urbanas. Promovem, portanto, o abandono da passividade dos habitantes.

Em relação ao período do Carnaval, entre 2013 e 2023, ocorreu um aumento extremamente expressivo da atuação das neofanfarras na festa. Ele é maior em quatro momentos: em 2015, 2017, 2019 e 2023. Observa-se, assim, uma sincronicidade entre o crescimento do movimento e da sua atuação no carnaval de rua. Tratando do *Honk RiO!*, seu crescimento também é evidente e pouco oscila entre anos consecutivos.

O PANORAMA ESPAÇO-TEMPORAL DOS FANFARRÕES CARIOCAS

A ocupação dos espaços públicos do Rio de Janeiro pelas neofanfarras difere em termos temporais e espaciais. A pesquisa evidenciou que a expansão dos grupos partiu da Zona Central em direção, principalmente, aos bairros da própria zona e aos bairros próximos da Zona Sul. Nota-se a discrepância entre estas zonas e as Norte e Oeste, nas quais o *Honk RiO!* e a iniciativa própria dos grupos são diferenciais para essa prática. Outrossim, já é possível observar o retorno e crescimento do movimento pós-pandemia no Carnaval e no *Honk RiO!*.

A produção cartográfica, portanto, permitiu identificar onde os "contra-usos" da cidade, decorrentes dessa manifestação musical, ocorrem há uma década. A visão geográfica contribui, assim, com o detalhamento da espacialidade do fenômeno. Desse modo, as discussões acerca das respostas criativas e horizontais às reformas urbanas arbitrárias e aos processos regulatórios, bem como ao exercício do direito à cidade, são beneficiadas pelo acréscimo do embasamento espaço-temporal ao debate. Por fim, é necessário continuar e explorar as pesquisas quanto a esse tema, visto a atualidade e a velocidade de atualização do movimento.

REFERÊNCIAS

- AMICO, A. S. A reestruturação espacial da Zona Portuária do Rio de Janeiro: uma análise a partir do Carnaval de Rua e da mídia hegemônica. *GEOPAUTA*, vol. 5, núm. 2, 2021.
- BARROSO, F. M.; BELART, V.; FERNANDES, C. S. Rio de Janeiro pós-olímpico: as reconfigurações dos espaços musicais na cidade em movimento. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.
- BARROSO, Flávia; GONÇALVES, Juliana. Subversão e purpurina: Um estudo sobre o carnaval de rua não-oficial do Rio de Janeiro. In: *ANAIS. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP*
- BELART, V.; FERNANDES, Cíntia S. Do Carnaval carioca ao neofanfarrismo brasileiro: a popularização de um movimento musical ativista e de rua. *Intercom*. Rio de Janeiro, out. de 2021.
- CARLOS, A. F. A. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direito à cidade”. *Rev. Direito Práx.*, Rio de Janeiro, V.11, N.01, 2020, p.349-369.
- ESCUUDINE, G. B.; JESUS, R. T. S.; SANTOS, A. K. O.; FRYDBERG, M. B. “Está proibido o Carnaval, nesse país tropical”: uma análise de dois anos sem o Carnaval de rua oficial no município do Rio de Janeiro. *XVIII Encontro de estudos multidisciplinares em cultura*, 2022, Salvador.



HARVEY, David. Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, 2012.

_____. Cidades rebeldes : do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo : Martins Fontes - selo Martins, 2014.

HERSCHMANN, M. (2013). Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21. In. Intercom – RBCC. São Paulo, 36(2), jul./dez.

_____. Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das (neo)fanfarras no Rio de Janeiro. Logos (Rio de Janeiro), v.2, p.1-19, 2014.

HERSCHMANN; FERNANDES, Cintia S. Música nas ruas do Rio de Janeiro. Nomadismo e inovação das fanfarras na cidade do Rio. p.101-122, 2014.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. 5 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2008.

MOREAUX, Michel. (2019). PERFORMANCE E MÚSICA: POSSIBILIDADES DE TROCAS AFETIVAS E DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO FESTIVAL ATIVISTA DE FANFARRAS HONK! RIO 2018. Espaço e Cultura. 43-60.